



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ZÉ DOCA
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA

EDICELIA DA CONCEIÇÃO LOPES
JÉSSYCA BATALHA ALMEIDA
JOYCE BATALHA ALMEIDA MACIEL

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E SEU RECONHECIMENTO NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Zé Doca

2022

EDICELIA DA CONCEIÇÃO LOPES
JÉSSYCA BATALHA ALMEIDA
JOYCE BATALHA ALMEIDA MACIEL

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E SEU RECONHECIMENTO NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Orientadora: Profa. Ma. Andreza Luana da Silva Barros

Zé Doca

2022

Lopes, Edicelia da Conceição.

O preconceito linguístico e seu reconhecimento no ambiente escolar / Edicelia da Conceição Lopes, Jéssyca Batalha Almeida, Joyce Batalha Almeida Maciel. – Zé Doca, MA, 2023.

48 f

TCC (Graduação em Letras) - Centro de Estudos Superiores de Zé Doca, Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientadora: Profa. Ma. Andreza Luana de Silva Barros.

1.Preconceito linguístico. 2.Variação linguística. 3.Sala de aula.
I.Almeida, Jéssyca Batalha. II.Maciel, Joyce Batalha Almeida. III.Título.

CDU: 81'271.16:373

EDICELIA DA CONCEIÇÃO LOPES
JÉSSYCA BATALHA ALMEIDA
JOYCE BATALHA ALMEIDA MACIEL

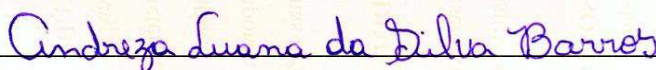
**O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO E SEU RECONHECIMENTO NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Orientadora: Profa. Ma. Andreza Luana da Silva Barros

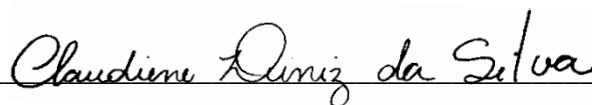
Aprovado em: 16/01/2023

Banca Examinadora

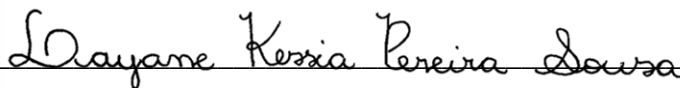


Prof.^a Ma. Andreza Luana da Silva Barros (Orientadora)

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Prof.^a Dra. Claudiene Diniz da Silva



Prof.^a Ma. Layane Kessia Pereira Sousa

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, que sempre nos sustentou e tem nos dado capacidade para vencermos os desafios e superar todas as dificuldades que têm surgido perante nós. Portanto, somos eternamente gratas pela bondade e misericórdia de nosso Deus Criador.

Somos gratas também aos nossos familiares e amigos por todo o apoio e motivação que nos repassaram, pois nos serviram como alicerces e fonte de apoio na execução desse e de muitos outros trabalhos que nos foram propostos.

Queremos citar nossa orientadora, a professora Andreza Luana da Silva Barros, uma excelente profissional que soube nos ajudar em tudo o que tínhamos incertezas ou questionamentos. Por isso, não temos dúvidas que sua dedicação e disponibilidade foram fatores de extrema importância para o sucesso deste trabalho.

Fazemos menção à outra profissional que contribuiu significativamente, a professora Layane Kessia Pereira Sousa, sua ajuda foi excepcional e estamos extremamente agradecidas por dispor de um tempo para nos auxiliar.

Não podemos deixar de mencionar nosso grande amigo e colega de curso, o professor Rodrigo Ramalho, que sempre esteve disposto a nos ajudar em tudo e nos amparou fielmente nos momentos de desespero.

Por fim, agradecemos a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste projeto.

“Tudo é válido na língua, desde que se logre comunicar-se.”

Machado de Assis

Resumo

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa o preconceito linguístico. O objetivo geral é analisar como é trabalhado ou se está sendo abordado esse tema em sala de aula. Será explanado sobre a importância de trabalhar os assuntos relacionados ao preconceito linguístico nas escolas e reconhecer sua existência, além de entender os tipos de variações linguísticas. Tem-se como referência os teóricos que discutem a variação linguística, com enfoque em Costa (2012), Labov (2008) e Coelho (2010), e no que diz respeito ao preconceito linguístico, com suporte principal em Bagno (2007). A pesquisa é de cunho qualitativo e foi desenvolvida através de uma pesquisa de campo. A coleta dos dados foi realizada através de um questionário e o público-alvo designado para respondê-lo, foram os alunos da 3ª série do ensino médio. O *locus* da pesquisa foi a escola estadual Centro de Ensino Princesa Isabel – Anexo I, localizada no município de Araguañã - MA. Diante da discussão e análise dos dados, pode-se concluir que o resultado foi satisfatório, comprovando que realmente há uma falha no que diz respeito ao ensino do assunto em questão. Dessa forma, foi compreendida a importância de discernir e combater o preconceito linguístico no ambiente escolar.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Variação linguística. Sala de aula.

RESUMEN

El trabajo tiene como objeto de investigación el prejuicio lingüístico. El objetivo general es analizar cómo se trabaja este tema o si está abordando en la clase. Se explicará sobre la importancia de trabajar temas relacionados con el prejuicio lingüístico en las escuelas y reconocer su existencia, además de comprender los tipos de variaciones lingüísticas. Se hace referencia a los teóricos que discuten la variación lingüística, con concentración en Costa (2012), Labov (2008) y Coelho (2010), y en cuanto al prejuicio lingüístico, con apoyo principal en Bagno (2007). La investigación es de naturaleza cualitativa y se realizó a través de una investigación de campo. La recolección de datos se realizó a través de un cuestionario y el público objetivo designado para responderlo fueron los estudiantes de 3° de secundaria. El lugar de la investigación fue la escuela estatal Centro de Ensino Princesa Isabel – Anexo I, ubicada en el municipio de Araguañã – MA. En vista de la discusión y análisis de los datos, se puede concluir que el resultado fue satisfactorio, comprobándose que realmente existe una falla en cuanto a la enseñanza de la materia en cuestión. De esta manera, se entendió la importancia de discernir y luchar contra los prejuicios lingüísticos en el ámbito escolar.

Palabras claves: Prejuicio lingüístico. Variación lingüística. Salón de clases.

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Distribuição das perguntas referentes ao preconceito linguístico.....	28
Quadro 2 - Sobre o conhecimentos dos alunos a respeito do preconceito linguístico ..	32
Quadro 3 - Descrição dos alunos vítimas de preconceito linguístico	34
Quadro 4 – Relatos de alunos vítimas de preconceito linguístico.....	35
Quadro 5 - Respostas cruciais para concretizar o objetivo da pesquisa.....	37
Quadro 6 - Possíveis propostas de intervenção para o problema dadas pelos alunos...	38

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Momento de aplicação do questionário.....	28
Imagem 2 - Aula expositiva sobre o preconceito linguístico	29
Imagem 3 - Aula expositiva sobre os tipos de variação linguística.....	29
Imagem 4 - Momento de interação para a conclusão do projeto.....	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Variação linguística: um breve conceito.....	14
2.2 Uma visão geral sobre o preconceito linguístico	17
2.3 Preconceito linguístico na sala de aula	20
3 METODOLOGIA.....	26
3.1. Cenário da pesquisa	26
3.2. Participantes da pesquisa	27
3.3. Coleta de dados.....	27
4 ANÁLISE DE DADOS.....	32
5 CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXOS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país linguisticamente peculiar, sendo detentor de uma enorme diversidade de sotaques, tendo em vista suas diversas regiões e respectivas diferenças nas questões de uso da língua. Em decorrência dessa grande variação linguística, nota-se a existência de um preconceito pouco citado, principalmente no âmbito escolar, o preconceito linguístico.

Torna-se imprescindível que se deva abordar esse tema em sala de aula, pois ele é equivalente a outros assuntos já trabalhados no contexto escolar, como o racismo, homofobia, entre outros. Portanto, exige alta relevância ao conhecimento e domínio do assunto entre os professores e alunos.

Diante desse percalço, o que motivou este estudo foi a percepção da falta de conhecimento em relação à variação linguística e a existência do preconceito linguístico por parte de estudantes já ingressados na faculdade, encarando disciplinas que tratam sobre o referido assunto no curso de Letras. Percebeu-se a importância de uma pauta que deveria ser trabalhada a partir dos ensinamentos iniciais, mas que na verdade não foi apresentada com a devida notoriedade. Assim sendo, surge a necessidade da busca pela compreensão de como o preconceito linguístico é trabalhado nas escolas atualmente.

Inegavelmente, esse prejulgamento ocorra com frequência no âmbito escolar, e que, na maioria das vezes, os alunos e professores não sabem como lidar e até mesmo o porquê desta ocorrência. Então, pensando nesse contexto, buscou-se saber sobre sua abordagem na escola. Especificamente na terceira série do ensino médio, na qual os alunos já estão em reta final e preparando-se para ingressarem em ambiente acadêmico.

Com isso, este trabalho tem como principal objetivo verificar como é trabalhado ou se está sendo abordado o preconceito linguístico em sala de aula. Tendo como objetivos específicos: saber, por meio desta pesquisa, se os alunos concluintes do ensino médio do Centro de Ensino Princesa Isabel Anexo-I, em Araguaia - MA, já conheciam e entendiam sobre o assunto; propor uma discussão em torno do tema e analisar o conhecimento dos alunos sobre o assunto em questão; apresentar o conceito e os tipos de variação linguística de um modo geral, através de um projeto realizado em formato de micro aulas. Isso, observando se a escola trabalha esse prejulgamento da mesma forma como os demais tipos de preconceitos existentes na atual sociedade e dando a sua devida importância.

O trabalho se divide em oito tópicos que abordam as especificidades de cada assunto: i) introdução, este que dispõe dos objetivos geral e específicos, além das

informações gerais que serão abordadas com mais especificidade nos demais tópicos; ii) fundamentação teórica, que se divide em três subtópicos, o primeiro trata-se da variação linguística, destaca os conceitos e os tipos, no segundo apresenta-se o preconceito linguístico e seus aspectos gerais e aborda-se no terceiro o preconceito linguístico em sala de aula, que detém o foco principal desta pesquisa. Seguindo então os demais tópicos, tal como a iii) metodologia, que aborda quem foram os participantes da pesquisa, o cenário e como aconteceu a coleta; logo após tem-se a iv) análise de dados e a v) conclusão, seguidas das referências e anexos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste tópico, serão apresentados os estudos e contribuições que fundamentam este trabalho. Inicialmente, um breve conceito da variação linguística, baseado em Costa (2012), Labov (2008) e Coelho (2010). Em seguida, enfoca-se no preconceito linguístico, com suporte em Bagno (2007). E por fim, tem-se o preconceito linguístico na sala de aula, apoiado também em Bagno (2007), além de Carvalho (2011).

2.1 Variação linguística: um breve conceito

Em toda língua existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Sendo assim, cada indivíduo tem sua forma de falar, ninguém fala igual a outra pessoa.

Assim, pode-se afirmar que na língua há alterações e renovações, ou seja, ela não fica estática em uma única concepção. Numa tentativa de conceituar a variação, Costa (2012) afirma que:

Etimologicamente, o termo variação vem do latim “*variatione*”, significando variedade, ato ou efeito de variar (se). Variar por sua vez significa tornar vário ou diverso, alterar, mudar. No dicionário do Câmara Jr., (1981 p. 239) variação é “Consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso”. Nesse sentido é que se define variação linguística como o fenômeno que envolve múltiplos e concomitantes usos de formas com o mesmo significado linguístico, marcado por diferentes significados sociais, segundo o contexto em que ocorrem. (COSTA, 2012, p.5)

Dessa forma, entende-se que a variação linguística é a dinamicidade característica de uma língua, e isso ocorre pela diversificação em relação às mudanças de seus componentes. Possui atributos sensíveis e dinâmicos voltados a fatores como regiões, sexo, idade, classe social e também o grau de formalidade no contexto de comunicação.

Quanto a esse ponto de vista, desassociar o contexto social do contexto de uso da língua é dar a ela uma norma invariável, desconexa da realidade das pessoas que a manejam. E, partindo dessa perspectiva, os estudos de William Labov contribuem significativamente para uma melhor compreensão a respeito do que fora citado antes, visto que o autor é considerado o precursor da Sociolinguística Variacionista.

Vale destacar, nesse momento, que a Sociolinguística surge e se desenvolve como uma ciência que abrange objetos múltiplos, ainda que a variação linguística seja seu alvo principal, especialmente no que diz respeito à fala, mesmo que a escrita não esteja isenta. Além disso, temas como mudança e preconceito linguísticos, bem como a exclusão social,

são temas que estão interligados aos estudos sociolinguísticos, já que envolvem situações reais de uso da língua. Sobre a Sociolinguística, Martelotta (2008) afirma:

Dell Hymes (1997), como antropólogo, concebe a sociolinguística como um campo que inclui contribuição de várias disciplinas, como a sociologia, a linguística, a antropologia, a educação, a poética, o folclore e a psicologia. Enfatiza que, apesar de englobar tantas áreas, a sociolinguística é uma disciplina autônoma, pois seu objetivo final é diferente dos objetivos de cada uma das disciplinas citadas. Interessa-lhe identificar, descrever e interpretar as variáveis que interferem na variação e mudança linguística. Labov (tal qual Saussure) vê a linguística como uma ciência do social; dessa forma, a sociolinguística equivale à linguística com ênfase às variáveis de natureza extralinguística. Assim como a etnolinguística e a psicolinguística, a sociolinguística veio preencher um vazio deixado pelo gerativismo, que considera objetivo legítimo de estudo o aspecto interior das línguas e a competência linguística. (MARTELOTTA, 2008, p. 146-147).

Dessa forma, a Sociolinguística, em sua totalidade, busca a valorização dos fatores internos e externos que provocam a variação linguística, que implica na mudança da língua. Consideravelmente, parafraseando Labov (2008), é impossível a mudança linguística ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua.

Assim, entende-se que o autor intenta esclarecer os fatores sociais no que concerne ao processo linguístico, uma vez que "[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre" (LABOV, 2008, p. 21).

Quando se fala em variação linguística, Coelho explica:

[...] os exemplos que costumam vir primeiro à mente dizem respeito ao vocabulário (léxico), quase sempre associados à variação regional ou diatópica. A mesma realidade é representada, conforme a região, por palavras diferentes. Mas há também usos variados conforme a situação, mais formal ou menos formal, em que se está falando, associados, portanto, à variação estilística ou diafásica. (COELHO, 2010, p. 52)

Constatam-se, então, as variações diastráticas (sociais), diafásicas (estilísticas), diatópicas (geográficas) e diacrônicas (históricas). A elas são atribuídas as características que diferem e promovem a grande diversidade existente em uma mesma língua.

A variação social deriva das diferenças de ordem socioeconômica, como nível de renda familiar, grau de escolaridade e ocupação profissional. Assim como o grupo social ao qual o indivíduo está inserido, dependendo de fatores como idade, gênero e entre outros, sejam eles isolados ou combinados entre si.

A variação estilística resulta da adequação ao grau de formalidade da situação interacional. Ou seja, situações e/ou ambientes que exigem uma interação mais formal

(como uma reunião de negócios, por exemplo), e informal (como uma conversa entre amigos, uma linguagem mais coloquial).

A variação geográfica é o resultado direto da distância física entre os falantes, assim, pessoas que residem em lugares diferentes tendem a falar de modo diferente. Daí as diferenças de sotaques em regiões distintas de um mesmo país, como por exemplo, o sotaque nordestino e o carioca representam a grande variedade linguística no Brasil.

A variação histórica é decorrência da transição do idioma com base no contexto histórico. Um exemplo são as diferenças encontradas no português medieval para o português atual.

Tendo em vista toda essa diversificação linguística, surge uma problemática no que se refere à norma culta. Isso porque ainda há uma barreira imposta pela gramática tradicional que dita o que é “certo” e o que é “errado” dentro da língua.

Bagno (2007) afirma que não há uma variação, seja ela nacional, regional ou local, que seja mais “correta” que a outra, pois cada uma é estabelecida conforme a precisão imposta pelo meio em que o indivíduo está introduzido.

Para Bagno (2009), a norma culta expõe duas faces que apresentam definições opostas, ou seja, uma atribui-se à língua e a outra à escrita. No que concerne a língua falada, existe uma forma de preconceito, isso porque ainda se tem a ideia de que há somente uma forma aceitavelmente correta de falar. E esta última é justamente aquela apresentada nas gramáticas, que são baseadas na literatura:

Inspirados nos usos que aparecem nas grandes obras literárias, sobretudo do passado, os gramáticos tentam preservar esses usos compondo com eles um modelo de língua, um padrão a ser observado por todo e qualquer falante que deseje usar a língua de maneira “correta”, “civilizada”, “elegante” etc. É esse modelo que recebe, tradicionalmente, o nome de norma culta (BAGNO, 2009, p. 43).

Conforme Rodrigues e Figueiredo (2007, p. 17), “ [...] não existe uma norma única, mas sim uma pluralidade de normas, normas distintas segundo os níveis sociolinguísticos e as circunstâncias da comunicação”.

Dessa forma, não há uma possibilidade de impor “regras” perante uma sociedade linguisticamente heterogênea, acrescentada ao fato de que a língua é “viva”, está em constante modificação. Mas não se pode deixar de lado a importância de conhecer e desenvolver o uso da norma imposta pela gramática tradicional, pois, como afirma Bagno:

A Sociolinguística nos ensina que onde tem variação (linguística) sempre tem avaliação (social). Nossa sociedade é profundamente hierarquizada e, conseqüentemente, todos os valores culturais e simbólicos que nela circulam também estão dispostos em categorias hierárquicas que vão do "bom" ao "ruim", do "certo" ao "errado", do "feio" ao "bonito" etc. E entre esses valores

culturais e simbólicos está a língua, certamente o mais importante deles. Por mais que os linguistas rejeitem a norma-padrão tradicional, por não corresponder às realidades de uso da língua, eles não podem desprezar o fato de que, como bem simbólico, existe uma demanda social por essa "língua certa", identificada como um instrumento que permite acesso ao círculo dos poderosos, dos que gozam de prestígio na sociedade. (BAGNO, 2006, p. 7)

Contudo, vale ressaltar que não se propõe e tão pouco é aconselhado abster-se do ensino de gramática da língua à qual faz-se uso. Uma vez que, na língua escrita ou falada, existem padrões que possibilitam a compreensão do idioma. Isso logicamente não significa que, no reconhecimento da norma, encerram-se as verdades de uso da língua, inclusive porque a escrita não reflete genuinamente a fala e vice-versa. Por isso, escrita e fala são dois modos a partir do qual é possível se expressar por meio do idioma.

E por consequência das discordâncias entre as variações linguísticas e a norma culta, manifesta-se o preconceito linguístico, preconceito este que é pouco citado e tampouco combatido.

2.2 Uma visão geral sobre o preconceito linguístico

Na atual conjuntura social, é notável constantemente o termo preconceito diante de várias situações, assinalando variadas manifestações do preconceito entre os seres humanos. Percebe-se com frequência, práticas de preconceito racial, social, religioso, sexual, de gênero, etc. Dentre esses preconceitos, destaca-se uma outra modalidade, a do preconceito linguístico.

Em relação ao preconceito linguístico, Bagno (2007, p. 40) diz o seguinte:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”.

Ainda segundo Bagno, o preconceito linguístico procede da composição de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que aponta como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se desassemelha desse modelo.

Para Bortoni-Ricardo (2005), trata-se de uma questão de prestígio e desprestígio, pois ela diz: “É interessante constatar que, nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma linguística de prestígio, considerada correta, apropriada e bela, são ainda mais consistentes que outros de natureza ética, estética e moral” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.13).

A linguagem é a principal porta de comunicação dos indivíduos em seu contexto. Na área da linguística, Bagno (2007) explica um conceito de preconceito ocasionado pelos falantes da Língua Portuguesa e como esta é proferida por seus diversos e diferenciados grupos sociais. O autor assinala a presença do preconceito linguístico de um grupo contra o outro. Para Bagno (2007, p. 43), "[...] o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social".

Como exemplo, o autor esclarece que o fenômeno fonético que estabelece a mudança do L em R em encontros consonantais, denominado rotacismo, tem respaldo na própria origem da língua portuguesa, não significando ignorância ou atraso mental dos falantes. Logo, palavras como "chicrete" e "praca" são ocorrências existentes no português não padrão, e que estão mais relacionadas a pessoa quem fala do que à própria fala.

Seguindo essa linha de pensamento, uma pesquisa recente aponta que:

É do senso comum ouvir que as pessoas sem instrução falam errado, possivelmente isso se deve a uma questão que não é linguística, mas político-social. Pois para pessoas que pertencem a uma classe desprestigiada, como os alguns moradores das áreas rurais que não tiveram acesso aos bancos escolares [...] é natural que tenha um dialeto com troca de consoantes como, por exemplo, compretamente, craro, pobrema, paper, cristar (SILVA, 2019, p. 19).

Contudo, ainda segundo o autor, a maneira de falar de um grupo à proporção que se distancia de outros grupos, transforma-se em um dialeto, com suas regras particulares. Porém, nesse processo, os falantes da língua que tentam segui-la conforme a norma padrão, tendem a repelir tais dialetos como feios, errados e pobres e, ao mesmo tempo, atribuem esses conceitos a quem faz uso deles.

Assim, o preconceito linguístico emerge à frente das diversas discrepâncias existentes entre as formas de falar, no qual são vistas por muitos como erro. Tratando assim como admissível, unicamente a norma padrão, menosprezando, assim, as demais variedades linguísticas.

Geraldi (2011, p.40), em sua obra "O texto na sala de aula" faz a seguinte observação: "[...] a variação é vista como desvio, deturpação de um protótipo. Quem fala diferente fala errado." Sendo exatamente essa convicção que alavanca as práticas do preconceito linguístico. A catalogação das profusões entre correto e errôneo dá espaço para o preconceito, no qual poderia ser evitado sucedendo uma abertura para a admiração da língua e de suas multiplicidades. Uma vez que seria possível dedicar-se à pluralidade que nela contém, passando a perceber e aceitar essa veracidade linguística por um olhar otimista, como mais uma das riquezas brasileiras e não como um ponto negativo.

Lima (2016) alega que não se pode associar variação linguística ao modo “errado” de se falar uma determinada língua e que, até mesmo em livros didáticos, essa falha ainda é habitual. Simultaneamente, a escola dispõe de materiais paradidáticos que podem auxiliar o professor na abordagem destes temas. O autor cita alguns exemplos, como o personagem Chico Bento, de Maurício de Souza, e as poesias de Patativa do Assaré. O autor ainda afirma que a escola deve ter por objetivo:

Acréscimo das variedades urbanas de prestígio à variedade a qual o aluno já domina, possibilitando-o eleger, conforme as situações comunicativas, uma seleção da variedade mais adequada ao contexto. Não se trata, portanto, de uma substituição entre variedades, mas de acréscimo (LIMA, 2016, p. 90).

Dessa forma, ter atitudes preconceituosas quanto ao modo de falar é proceder com desconhecimento a respeito das variações linguísticas existentes, é menosprezar a singularidade da fala de cada pessoa. E essa diligência é intensamente aceita e utilizada pelas tecnologias existentes na sociedade, como televisões, rádios, internet e principalmente por livros didáticos e gramáticas normativas.

Segundo Bagno (2007), é preciso haver uma conscientização de que um falante nativo é um usuário competente de sua língua, ou seja, o conhecimento da língua é natural na sua vida social, faz parte dela. Assim sendo, todo falante discerne e é imperante de sua língua materna em seu âmbito de vivência, desde o instante em que começa a falá-la. Perini (1999) declara que:

Qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de nadar. (PERINI, 1999, p.13).

Ratificando assim com esta citação, o ser humano já nasce com a aptidão linguística e tem a habilidade de coordenar sua variação em meio social. O aprimoramento escolar é essencial, mas vale destacar que a criança não vai aprender a falar nesta instituição, como muitos pensam, e sim saber que já vem consigo esse conhecimento de língua.

Ademais, é importante salientar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda o assunto das variações linguísticas considerando que

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2017, p. 81).

Vale destacar que a Base Nacional Comum Curricular cita que as variações linguísticas precisam ser abordadas de uma perspectiva que vá além do conceito do que é certo e errado (BRASIL, 2017). E a BNCC sendo um documento que orienta e guia a educação no Brasil, é importante que o professor de Língua Portuguesa deva salientar este como um tópico de relevância. Analisando positivamente e avaliando esse documento pode conduzir o leitor da esfera educacional a compreender a proeminência de desenvolver e ampliar uma pedagogia que apresente as variações linguísticas no sistema escolar do Brasil.

Com isso, percebe-se que o preconceito linguístico infere diretamente na sala de aula, uma vez que nesse espaço se faz necessário o uso da norma culta, sem considerar a diversidade existente na língua. Diante disso, essa problemática será vista de forma mais aprofundada no próximo tópico.

2.3 Preconceito linguístico na sala de aula

No ambiente escolar, os ensinamentos apresentados nas salas de aula possuem o foco na reprodução do “português do bom uso”, ou “português correto”, sendo transmitidos nas aulas de língua portuguesa nas escolas brasileiras. Onde, é valorizada apenas a forma “correta” da língua, que é a repassada pela norma padrão para que somente ela seja reconhecida como a única a ser seguida e mantida como “certa”. Ocasionalmente, assim, o menosprezo pelas demais variações existentes dessa língua, fazendo com que se promova o preconceito linguístico. Assim, afirma Bagno (2007):

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida à confusão que foi criada, no curso de história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... também a gramática não é a língua. A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma Culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo resto da língua – afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia gerada pelo preconceito linguístico. (BAGNO, 2007, p. 9, 10).

Sabe-se que nas salas de aula ocorrem com frequência tal preconceito, pois se um aluno é falante de uma variedade linguística, sofre rígidas correções. E isso porque são realizadas possuindo apoio em conhecimentos limitados acerca do uso da língua portuguesa, abordando como um erro a sua forma de falar. São essas atitudes docentes que possivelmente podem interferir no desenvolvimento cognitivo e no desempenho desse aluno em sala de aula.

É de pleno conhecimento que um ser que participa integralmente de uma sociedade, conseqüentemente herdou histórias, costumes e, o mais importante, a língua em que eles se comunicam entre si. E a partir do momento em que ele sai desse ambiente, e já passa a frequentar um outro grupo, com costumes, cultura e o uso da língua um pouco mais diversificado que a sua, tende a ter um choque e às vezes a estarem repelindo um ao outro. Ou mesmo, a querer mostrar que uma é melhor ou até mesmo a única correta.

Esse fato exige muita observação e estudo, principalmente, da parte de professores da disciplina de língua portuguesa. Isso porque é possível observar que não se tem dado a devida atenção no que se refere a essa grande diversidade da língua no processo educacional. Entender a importância desse dinamismo, requer uma concordância de que a língua possui uma composição regrada, mas também versátil e múltipla. Resultando em grupos de falantes que criam e recriam formas linguísticas para a interação uns com os outros.

Diante dessa afirmativa, não se pode enxergar essas diferenças como situações errôneas. É necessário existir o respeito às variações, uma vez que todas têm seu valor, pois como Bagno (2007) diz:

“[...] são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. Se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito. Temos de levar em consideração a presença de regras variáveis em todas as variedades, a culta inclusive” (p. 51)

O autor relata o abuso gramatical que diversos profissionais adotam em suas metodologias na sala de aula. Não é correto ensinar apenas a norma gramatical formulada na língua portuguesa ou a escrita correta, desvalorizando as variantes de fala do aluno. Conseqüentemente, o professor não só vai cooperar com seu desenvolvimento acadêmico e incentivar o estudante, mas também vai se tornar um grande mediador no seu progresso como cidadão crítico na sociedade.

Claramente, a ênfase do preconceito linguístico está baseada nas raízes da gramática normativa, à vista disso, a ciência linguística procura um decréscimo nessa problemática. Mas, nota-se ainda um grande desatendimento por parte dos professores, mais precisamente dos profissionais de língua portuguesa, que consideram a norma gramatical como o único modelo para uma boa linguagem.

Devido a isso, se efetiva o menosprezo da diversidade linguística, que é múltipla na esfera brasileira. Com isso, ressalta Bagno (2007):

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas à educação e à cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil

e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão. O reconhecimento da existência de muitas normas linguísticas é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não padrão. (BAGNO, 2007, p.18, 19).

Assim, o respeito à diversidade linguística, incontestavelmente, é também a postura à cultura de cada povo, considerando a singularidade regional e, especialmente, o reconhecimento de que as línguas são heterogêneas. Destacando uma maior relevância na efetuação da comunicação e do uso da linguagem em suas esferas situacionais.

Para uma boa desenvoltura na educação em sala de aula no que se refere ao preconceito linguístico, precisa-se abandonar os mitos que circundam o português do Brasil, sendo eles:

[...] de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal português, o de que o português é muito difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BAGNO, 2007, p. 73,74).

Ainda segundo Bagno (2007, p. 124):

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira.

Assim, os docentes acabam contribuindo com a fixação do preconceito linguístico, pois o que ainda se predomina nas aulas de Língua Portuguesa são as regras gramaticais.

Bagno (2007) avalia criticamente a postura dos professores que ainda estão travados à gramática normativa, fazendo assim com que o aluno se sinta desmotivado em estudar e compreender ocorrências linguísticas que estruturam sua língua materna:

Por isso tantas pessoas terminam seus estudos, depois de onze anos de ensino fundamental e médio, sentindo-se incompetentes para redigir o que quer que seja. E não é à toa: se durante todos esses anos os professores tivessem chamado a atenção dos alunos para o que é realmente interessante e importante, se tivessem desenvolvido as habilidades de expressão dos alunos, em vez de entupir suas aulas com regras ilógicas e nomenclaturas incoerentes (BAGNO, 2007, p. 37, 38).

Perante essa situação, é necessário o desenvolvimento de palestras, estudos e pesquisas abordando esse assunto, assim como já é pautado em escolas brasileiras vários outros tipos de preconceitos. O preconceito linguístico é observado no dia a dia, e quando chega à escola sua presença é ainda mais visível. Por isso, expor e debater esse assunto

no ambiente escolar, quebraria muitas barreiras e desencadearia um leque de conhecimento em relação a existência da variação linguística. Vale lembrar que essa é uma das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN da Língua Portuguesa.

Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo. Em primeiro lugar, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível socioeconômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada uma conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha em família. Em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença. Em terceiro lugar, porque a escola apresenta à criança conhecimentos sistematizados sobre o País e o mundo, e aí a realidade plural de um país como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno de questões sociais. A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela. (PCN, 2001, p. 21).

Portanto, é de suma importância que essa seja uma das bases do ensino no Brasil, o conhecimento e valorização da pluralidade que a sociedade possui e que sempre estará em evidência no cotidiano. Desde os estudos iniciais já é apresentado a mistura de povos e etnias existentes na sociedade brasileira, a junção de línguas, culturas, crenças. E, deveria assim continuar ensinando que não é plausível querer forçar que todos falem da mesma maneira, mesmo sotaque, mesmas gírias etc.

É dever do docente o trabalho de conscientizar o aluno que a variação é característica intrínseca de toda língua, orientá-lo quanto ao respeito que se deve ter. Evitando assim, o preconceito linguístico ao se deparar com manifestações linguísticas diferentes da sua, pois a função da escola é “discutir os valores sociais atribuídos a cada variante linguística” (BAGNO, 2009, p. 150).

Dentro da sala de aula, quando se têm situações de equívoco da norma padrão, não é certo que se faça notória a humilhação ao aluno, mas sim, ser uma oportunidade para conscientizá-lo das diferenças da língua. Dessa forma, o aluno conseguirá adaptar sua fala com a variedade que lhe for apropriado diante dos diversos contextos relacionados às manifestações linguísticas do seu cotidiano.

Segue então o ponto de vista da professora Solange Carvalho quanto às habilidades que o professor precisa ter para estimular os alunos a assimilarem a heterogeneidade linguística, em entrevista dada à Fundação Joaquim Nabuco por ocasião da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

Uma alternativa seria ter uma conversa aberta com os estudantes, fazendo-os pensar, entre eles próprios e as pessoas com as quais convivem em outros ambientes, se todos falam do mesmo jeito. Temos que fazê-los entender que há lugares, condições e hábitos diferentes, e as pessoas, por vários motivos,

agem e falam de maneira diversificada, ainda que usuários de uma mesma língua. (CARVALHO, 2011)

Para Carvalho (2011), a língua é diversificada e não se manifesta de forma idêntica, todos expressam-se diferentemente, ainda que em um mesmo quadro comunicativo.

Quanto às variantes dos estudantes, a professora destaca a necessidade do reconhecimento e da aceitação da língua perante toda sua diversificação. “Hoje compreendo que a realidade da língua é a variação, primeiro passo para a mudança, e que respeitar os fenômenos variáveis e as variantes dos falantes é respeitar a própria língua” (CARVALHO, 2011).

A adversidade encontrada está no modelo de língua encarado pela escola e no professor desprevenido para portar-se nas demandas que abrangem as especificidades oral e escrita da língua. É dever da escola ensinar a norma culta, mas cabe ao professor discernir os percursos para moderar essa separação que há entre a variante do aluno e a gramática ensinada na escola.

O grande obstáculo do aluno em aprender o português, é que o uso da língua ensinada nas escolas, mesmo que materna, é muito distinta da língua que é falada em casa com a família ou com os amigos. O estudante aprende na escola a “falar bem”, contudo, o que seria falar bem? Sobre isso, o professor Antônio Marcuschi destaca:

[...] falar ou escrever bem não é ser capaz de aplicar regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina (MARCUSCHI, 2008, p. 9).

Segundo a colocação do linguista referenciado, a utilização apropriada da língua é o que importa. De nada adianta manejar apenas as regras da gramática, sem atingir a finalidade da linguagem que é ser distinguida e compreendida.

Logo, é compreensível que ainda há muitas decisões a serem determinadas e pautadas para que as relíquias linguísticas sejam aceitas e valorizadas. Pois, na maioria das vezes, não é aberto um espaço para serem levantados questionamentos, dúvidas ou relatos sobre esse preconceito com a diversidade da língua falada pelo povo brasileiro. E tudo isso chega até aos alunos do ensino médio de uma forma rasa e limitada para explicações e dúvidas.

Em concordância com Bagno (2007), o preconceito linguístico é discriminar a linguagem de um indivíduo pelo seu modo de fala, é achar que sua maneira de falar é

errada. E isso acaba por ocasionar a exclusão social, mais especificamente dentro do ambiente escolar.

3 METODOLOGIA

Neste item, serão descritas as etapas que foram realizadas para o desenvolvimento do projeto, contendo informações sobre o cenário e os participantes da pesquisa, e ainda, como se deu a coleta de dados.

A pesquisa predomina-se qualitativa, considerando, assim, que os “estudos qualitativos são importantes por proporcionar a relação entre teoria e prática, oferecendo ferramentas eficazes para a interpretação das questões educacionais” (OLIVEIRA, 2020, p. 16).

Constitui-se também em uma pesquisa bibliográfica que conforme Gil (2002, p. 44) “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”. Desse modo, a temática trabalhada detém inúmeras informações a respeito de um tema já existente.

E para contestar e enriquecer a pesquisa, viu-se a necessidade de fazer uma pesquisa de campo, ou seja, a aplicação de uma ação. Segundo Prodanov (2013, p.59):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los. (PRODANOV, 2013. p. 59)

E como instrumento para a pesquisa de campo, foi desenvolvido um projeto que propôs questionário, debates, discussões e apresentações, onde fora tratado o que é e como se dá o prejulgamento da fala. Ligando assim a teoria com a prática no contexto educacional.

3.1. Cenário da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Centro de Ensino Princesa Isabel Anexo-I, no município de Araganã no estado do Maranhão. A escola atende um público diversificado, tanto moradores da zona urbana quanto da zona rural. O prédio onde está recentemente localizada a escola é uma instituição cedida pela prefeitura de Araganã. Isso porque a unidade escolar da referida cidade ainda não recebeu seu prédio, para o pleno funcionamento das aulas para os alunos do ensino médio.

Portanto, devido a essa situação, a escola só atende no turno noturno, onde ocorre a junção dos turnos vespertinos e noturnos, todos recebidos em um só momento. Sendo assim, o ensino é ministrado com base no acesso a permanência na escola e igualdade de condições. Oferecendo a liberdade de aprender e ensinar, conscientizando os alunos a valorizarem a educação e o espaço que eles recebem para que o processo de ensino e aprendizagem não tenha que parar. O prédio cedido pelo município conta com sete (7) salas de aula, uma (1) sala de

professores, uma (1) sala para a diretoria, uma (1) cantina, três (3) banheiros femininos e três (3) banheiros masculinos.

A escola está inserida em uma cidade interiorana, conseqüentemente também está inserida em uma comunidade considerada carente, onde a minoria possui uma condição financeira um pouco melhor. Predominam famílias que exploram as atividades na lavoura e muitas na pesca, em decorrência do município de Araguañã ser beneficiado com a presença do rio Turiaçu.

Toda essa questão socioeconômica acaba por refletir no nível educacional e, conseqüentemente, no uso da língua de cada um dos estudantes. Pois, como afirma Bagno (2001, p.10), o preconceito linguístico “[...] resulta da prática social, correspondendo à fala dos segmentos socialmente favorecidos”.

3.2. Participantes da pesquisa

Para que fosse possível a realização do projeto de pesquisa, contou-se com a participação dos alunos da 3ª série do ensino médio da escola já citada acima.

Como critério para a escolha da série, levou-se em consideração o fato dos estudantes estarem em fase de conclusão e que seus conhecimentos sobre diversos assuntos já estão bem avançados. Dessa forma, seria possível adotar uma percepção a saber do nível de conhecimento dos estudantes sobre a existência do preconceito linguístico, no que diz respeito à bagagem educacional a partir dos anos iniciais.

3.3. Coleta de dados

A coleta de informações se deu a partir de um projeto aplicado na escola. Inicialmente com a pesquisa de campo, através de um questionário com perguntas discursivas.

Para Prodanov (2013, p.108) “O questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. Se sua confecção for feita pelo pesquisador, seu preenchimento será realizado pelo informante ou respondente”. Nesse sentido, por meio das perguntas, foram recolhidas informações conclusivas sobre o problema da pesquisa.

Sendo assim, foram propostas indagações que abordam a temática do preconceito linguístico, para complementar o tema em questão. O referido questionário contém cinco perguntas, onde os alunos ficaram livres para expor seus conhecimentos e pontos de vista acerca do assunto.

O primeiro momento deu-se pela autorização da diretora da escola para a efetuação do projeto, que já iniciou no dia seguinte a isso e pôde ser concluído em uma mesma semana, com duração de quatro dias. O primeiro contato com os alunos serviu para apresentação das acadêmicas, explicação do objetivo do projeto e aplicação do questionário.

De início, fez-se necessário um pequeno respaldo sobre o assunto com os alunos, isso porque, de acordo com eles, não estavam familiarizados com o tema e não saberiam discorrer sobre. Após esse momento, os estudantes conseguiram responder as questões com mais facilidade e, assim, contribuir grandemente com o desenvolvimento dessa pesquisa.

Imagem 1 - Momento de aplicação do questionário



Fonte: Registro das autoras – foto autorizada (2022)

A seguir, tem-se o roteiro das perguntas utilizadas:

Quadro 1 - Distribuição das perguntas referentes ao preconceito linguístico

1	O que você entende sobre o preconceito linguístico?
2	Você já sofreu esse tipo de preconceito? Se sim, te prejudicou de alguma forma na escola?
3	Se aconteceu, qual foi a atitude do professor?
4	O professor faz atividades em sala de aula para discutir sobre o preconceito linguístico?
5	O que você acredita que seja necessário para diminuir o preconceito linguístico na escola?

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Após essa etapa, efetuou-se momentos de interação com os alunos para uma abordagem explicativa do tema em pauta. No segundo dia, fez-se a exposição do livro “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz” de Marcos Bagno, aderido como principal referência para o desenvolvimento do projeto. Foram apresentados o conceito de preconceito linguístico e o ciclo vicioso, onde o autor discute os elementos que, para ele, compõem a construção desse preconceito, são eles: gramática tradicional, livro didático e ensino tradicional.

Procurou-se saber como esse preconceito é lidado e enfrentado pelos alunos, visando entender como eles distinguem a concepção do que é “certo” ou “errado” dentro da língua portuguesa. Sempre tencionando esclarecer que aquilo que é considerado “errado” na norma padrão é definido apenas como uma inadequação conforme a Sociolinguística. Mas, tudo isso, no que diz respeito a língua falada, não incluindo a escrita.

Imagem 2 - Aula expositiva sobre o preconceito linguístico



Fonte: Registro das autoras – foto autorizada (2022)

No terceiro dia, foi possível expor e explicar os tipos de variações: diatópicas (regionais), diastráticas (sociais), diacrônicas (históricas) e diafásicas (estilísticas). Discorrendo e exemplificando cada tópico, de modo que os alunos conseguiram se identificar e entender que essa variação é algo comum e natural na língua falada. E que ela varia especialmente no estilo de vida de cada pessoa que estar inclusa em diferentes grupos sociais.

Imagem 3 - Aula expositiva sobre os tipos de variação linguística



Fonte: Registro das autoras – foto autorizada (2022)

O quarto e último encontro aconteceu com a apresentação da “mitologia do preconceito linguístico”, expressão usada por Bagno para apresentar algumas das causas que influenciam o preconceito linguístico. Onde são abordados pelo autor oito mitos sobre a Língua Portuguesa, ele diz: “[...] muitos brasileiros acreditam que “não sabem português”, que “português é muito difícil” ou que a língua falada aqui é “toda errada” (BAGNO, 2007, p. 76).

Finalizando assim, neste mesmo dia, o projeto, com uma roda de conversa envolvendo os estudantes, na qual conseguiram compreender e comentar tudo quanto fora apresentando. Este momento foi de extrema importância, levando em consideração todo o aprendizado adquirido pelos alunos, podendo, assim, desenvolver uma interação dinâmica com exemplificações do preconceito e das variações linguísticas presentes no cotidiano de cada um.

Imagem 4 - Momento de interação para a conclusão do projeto



Fonte: Registro das autoras – foto autorizada (2022)

Dessa forma, foi possível estabelecer uma proposta de intervenção bastante produtiva e obter os resultados esperados diante do objetivo principal proposto na pesquisa, isso, através da análise realizada diante da contribuição dos alunos.

4 ANÁLISE DE DADOS

Após as etapas descritas na Metodologia, requisitos primordiais para a coleta dos dados, segue-se então a análise. Inicialmente, defende-se que o preconceito linguístico é um tema pouco conhecido e abordado em sala de aula, e este fato será apontado ao longo das análises que se seguirão neste tópico.

No decorrer do projeto, foi possível identificar a existência de uma lacuna quanto ao conhecimento dos alunos no que diz respeito ao preconceito linguístico. A evidência desse cenário veio à tona a partir do primeiro encontro com os alunos, em que eles não conseguiram responder o questionário sem antes uma breve explicação do assunto. Isso porque, segundo eles, trata-se de um conteúdo no qual eles não estavam familiarizados. Além dos resultados obtidos através das respostas dos estudantes, somado às dúvidas e participações durante as micro aulas.

A seguir, serão apresentadas algumas respostas que foram selecionadas para cada pergunta do questionário, logo em seguida, algumas considerações. No entanto, algumas cópias do questionário respondido estão dispostas no tópico de Anexos. A seguir, tem-se a primeira pergunta:

Quadro 2 – O conhecimentos dos alunos a respeito do preconceito linguístico

1	O que você entende sobre o preconceito linguístico?
ALUNO I	“O preconceito linguístico é de certa forma os julgamentos que às vezes sofremos ou fazemos, na forma de falar “errado”.
ALUNO II	“É quando a pessoa sofre preconceito ao seu modo de falar”
ALUNO III	“Sim, entendo. Então, muitas vezes uma pessoa fala uma palavra errada e outras ficam sorrindo e zuando, isso não é bom. A pessoa as vezes até releva na brincadeira, mas toda vez é assim, quando fala uma palavra errada e outra corrige, se sente envergonhado e constrangido. ”
ALUNO IV	“Cada um tem o seu jeito de falar, e acho normal, só que temos que usar essa linguagem só em casa. ”
ALUNO V	“Sei que o preconceito prejudica muito as pessoas, porém eu não entendo sobre isso aí. ”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Como é possível observar, há algumas divergências entre as respostas acima. Enquanto a maioria consegue desenvolver uma resposta positivamente esperada, uma pequena parte ainda dispõe de uma certa dificuldade ao discorrer sobre o assunto em questão.

Por exemplo, o aluno I, ao usar a expressão “julgamentos”, evidencia o entendimento de que é uma situação incorreta, e quando ele diz “sofremos” ou “fazemos”, pode ser compreendido como um reconhecimento. Quando ele adiciona aspas na palavra errado, nota-se que ele já tem em mente uma concepção do que é considerado certo ou errado no uso da língua.

Já o aluno II consegue resumir sua resposta de uma forma bem breve. Aparentemente entende o conceito de preconceito, associando assim, ao linguístico, ou seja, ao que diz respeito à fala.

Ao examinar a resposta do aluno III, pode-se pensar que ele, supostamente, já vivenciou o preconceito linguístico, isso porque ele consegue expressar um sentimento de empatia. Em sua colocação, ele consegue definir exatamente a sensação de quem sofre tal preconceito, o constrangimento.

Diante dessa situação, Bagno (2007, p. 38) afirma que “[...] as pessoas sentiriam muito mais confiança e prazer no momento de usar os recursos do seu idioma, que afinal é um instrumento maravilhoso e que pertence a todos! ”, e não o medo e a inutilidade que sentem.

Tendo em vista que o aluno IV entende a subjetividade de cada indivíduo em seu modo de falar, ele evidencia um certo nível, ainda que pequeno, de preconceito existente em sua resposta. Porém ele cita, mesmo sem um conhecimento mais aprofundado do assunto em questão, a variação estilística, que aborda exatamente a adequação da fala diante da situação interacional.

E diante dessa resposta, evidencia-se que em sala de aula, a dificuldade se apresenta diante do choque entre a variante que o aluno utiliza no domínio do lar, a língua coloquial, e a variante ensinada na escola, regida pela norma culta.

Ao observar a resposta do aluno V, percebe-se que ele sabe o que significa preconceito de um modo geral, mas não necessariamente o ponto central da pesquisa, que seria o preconceito linguístico. Isso, mesmo após uma pequena explicação sobre o tema.

Partindo dessas observações, é concebível afirmar que o preconceito linguístico se faz presente no cotidiano dos alunos, apesar de que eles não tenham conhecimento

desse fato nitidamente. Visto que ao menos sabiam da existência de tal preconceito, ainda que estivessem sofrendo ou até mesmo cometendo-o.

Em seguida, é discutida a segunda pergunta:

Quadro 3 - Descrição dos alunos vítimas de preconceito linguístico

2	Você já sofreu esse tipo de preconceito? Se sim, te prejudicou de alguma forma na escola?
ALUNO VI	“Sim, o professor chamou a atenção.”
ALUNO VII	“Já. Pois às vezes ficava com vergonha de falar na frente dos alunos.”
ALUNO VIII	“Sim, mas não me prejudicou, foi como uma piada.”
ALUNO IX	“Sim, não me prejudicou e fez eu aprender a falar mais certo, e pra não passar mais por isso, é ruim porque a gente fica com vergonha mas serve pra gente não passar mais por isso.”
ALUNO X	“Já sim, uma vez fui falar “nós vai” e a minha colega me corrigiu, não me prejudicou, ela me ajudou a ter mais conhecimento.”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

De forma resumida, é possível afirmar que o preconceito linguístico se faz muito presente no cotidiano dos alunos, mais precisamente na sala de aula, tanto entre colegas de turma quanto partindo dos professores. Mesmo que para alguns seja considerado apenas uma “piada”, é nítida a presença do constrangimento por parte de quem sofre, gerando assim a vergonha e a insegurança em relação ao modo de falar.

Vale destacar a resposta do aluno VII, pois nota-se o receio de não se sentir apto a desempenhar com confiança uma atividade tão básica dentro da sala de aula, sua própria fala. Isso porque muitos alunos confundem a língua com a norma imposta pela gramática, logo, tem-se a necessidade de ressaltar que língua não é norma gramatical.

É importante conhecer as dificuldades de cada aluno acerca do uso gramatical, pois tem-se a ideia de que o ensino da gramática, tendo-a como imutável, não contribui de forma satisfatória para o desenvolvimento dos alunos, uma vez que a língua usada por eles é mutável.

Ainda, percebe-se em algumas respostas, a falsa ideia de que o “falar correto” está diretamente relacionado ao uso da norma padrão e a um nível mais avançado de conhecimento.

No que concerne a terceira pergunta, tem-se:

Quadro 4 – Relatos de alunos vítimas de preconceito linguístico

3	Se aconteceu, qual foi a atitude do professor?
ALUNO XI	“Ele começou a rir. ”
ALUNO XII	“Não teve nenhuma atitude. ”
ALUNO XIII	“Apenas corrigiu a palavra, sem nenhuma explicação. ”
ALUNO XIV	“O professor disse “Sim, para não errar novamente eu estou lhe corrigindo”. ”
ALUNO XV	“Eu achei bem interessante pois o professor me corrigiu e me educa a falar corretamente. ”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Percebe-se, de acordo com as respostas acima, que algumas atitudes do professor não acrescentaram informações suficientes, podendo incitar e até mesmo cometer o preconceito linguístico diante das correções feitas em sala de aula. Quando na verdade, o professor deve conscientizar o aluno sobre a existência das variações linguísticas, orientando-o no sentido de evitar o preconceito ao se deparar com manifestações linguísticas diferentes da sua.

Bagno (2007) esclarece que existe uma confusão no que diz respeito à língua falada e escrita, e que professores e alunos devem diferenciar uma da outra, pois quando se trata do falar, não há uma forma correta, mas sim compreendida. Esse tipo de acontecimento, ou seja, uma repreensão à forma de falar do aluno e cidadão de uma sociedade, “[...] interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação com a atitude corretiva (e muitas vezes punitiva), cuja consequência inevitável é a criação de um sentimento de incapacidade, de incompetência” (p. 107).

E perante esse tipo de situação, o autor avalia criticamente a postura dos professores que ainda estão travados à gramática normativa, fazendo assim com que o aluno se sinta desmotivado em estudar e compreender ocorrências linguísticas que estruturam sua língua materna.

Corroborando com as ideias de Bagno, a professora Rita do Carmo Polli da Silva (2013, p. 42) afirma que: “[...] procuramos deixar claro que uma língua é um conjunto de variedades e que nenhuma delas é melhor ou pior que a outra”. Em outro trecho de sua obra, a autora postula que, “[...] tudo que foge às normas gramaticais fixadas é considerada erro”; postula também que esses falantes “[...] carregam uma enorme insegurança no uso da linguagem” (SILVA, 2013, p. 42-43).

Sendo assim, o professor poderia acrescentar e distribuir informações sobre o que estava acontecendo em sua sala de aula, e assim poder reforçar a importância do combate ao preconceito linguístico. É na escola o local onde se faz necessário ser ensinado que não existe isso de “certo e errado” dentro da língua falada, mas onde se faz útil a adequação do modo de falar de cada pessoa.

Palavras como “certo” e “errado” devem ser evitadas, pois assim há uma colocação como errada a variante do aluno e certa a variante da escola, enquanto de fato o que realmente existe são maneiras diferentes de falar a mesma coisa. Entende-se, no entanto, que não há como desprezar o contexto situacional para a compreensão da adequação das colocações.

Portanto, as palavras com as quais o professor deve guiar o aluno para uma melhor compreensão da norma culta, que é o papel da escola, é “adequado” e “não adequado”. O aluno deve entender que há situações de uso da língua em que alguns termos usuais em seu cotidiano não são adequados em outro ambiente. Ele precisa aprender que há uma gama de variantes de uso da língua, e que aquela a ser aprendida na escola é diferente da sua variante em um contexto familiar de uso.

Com uma atitude correta e esclarecedora, o professor exerce a função de orientador para o aluno quando esse tipo de situação ocorrer em sua sala de aula. Pois, ele deve estar preparado para apaziguar determinadas situações, estando preparado também para esclarecer e repassar os devidos conhecimentos.

A seguir, a quarta pergunta:

Quadro 5 - Respostas cruciais para concretizar o objetivo da pesquisa

4	O professor faz atividades em sala de aula para discutir sobre o preconceito linguístico?
ALUNO XVI	"Não, até agora nunca vi aula disso não. "
ALUNO XVII	"Não, primeira vez que falamos nesse assunto. "
ALUNO XVIII	"Sobre preconceito não, mas já conversamos sobre o modo certo de falar. "
ALUNO XIX	"Eu nunca ouvi falar não. "
ALUNO XX	"Algumas vezes. "

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Para esse questionamento, apenas 4% dos alunos entrevistados responderam que sim. Os outros 96% afirmaram que não, os professores não trabalham o preconceito linguístico em suas aulas, gerando uma controvérsia, o que evidencia a falta de conhecimento sobre o assunto nas escolas. E como argumenta o aluno xviii: "mas já conversamos sobre o modo certo de falar", mais uma vez é destacada a ideia de que existe apenas uma forma certa de uso da língua portuguesa falada, a que é baseada nas normas gramaticais.

Assim, vale destacar a importância do domínio que o professor deve possuir sobre esse assunto, pois é papel do docente conscientizar os alunos sobre as variações que a língua apresenta cotidianamente, o que vai além daquilo que é descrito nas gramáticas.

Isso porque o aluno confia na base escolar que ele está inserido, assim como em todos os componentes de seu ambiente escolar, incluindo todo o corpo docente de sua escola. E, sabendo disso, o profissional da educação, principalmente um professor de língua portuguesa, precisa assegurar-se de que estará preparado para lidar com as mais diversas situações, incluindo o preconceito linguístico.

Por fim, a quinta e última pergunta:

Quadro 6 - Possíveis propostas de intervenção para o problema dadas pelos alunos

5	O que você acredita que seja necessário para diminuir o preconceito linguístico na escola?
ALUNO XXI	“Falar corretamente. ”
ALUNO XXII	“Melhorar o português. ”
ALUNO XXIII	“Normalizar o nosso jeito de falar, que querer mudar nossa fala não vai mudar em nada, que devemos saber falar correto em algumas ocasiões que são necessárias, mas que querer mudar o jeito de falar já é demais. ”
ALUNO XXIV	“Nós precisamos ter aula sobre isso. ”
ALUNO XXV	“Seria necessária mais orientação nas escolas sobre o assunto. ”

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

Ao observar as respostas dos alunos XXI e XXII, é possível notar, mais uma vez, a concepção de que a língua falada só é considerada como certa quando se faz de acordo com o que é imposto pela norma culta. As colocações dispostas por esses estudantes trazem à tona ideias que enraízam o preconceito linguístico, comprovando a necessidade de abordagem sobre essa temática nas escolas.

O aluno XXIII consegue expressar que existe a necessidade de uma compreensão da existência de variações no que diz respeito a subjetividade da fala de cada indivíduo, e que isso precisa ser aceito. Ele entende que há uma exigência quanto adequação de fala em determinadas situações, o que já é consideravelmente suficiente para o combate ao preconceito linguístico.

Em suas respostas, os alunos XXIV e XXV apresentam soluções que nitidamente fazem-se indispensáveis. Abordar esse assunto, aprofundar os estudos sobre variações linguísticas, linguagem e uso da norma padrão da Língua Portuguesa nas escolas. Além de incentivar os professores para que eles reforcem a necessidade do combate ao preconceito linguístico não somente em sala de aula, mas em todos os ambientes e lugares onde se pode ocorrer tal discriminação.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 15-16) defende, pois, que a instituição escolar:

Não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada

pela sociedade. Alguns conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outros contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação. Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante. Essas questões linguístico-educacionais têm de ser mais discutidas e a sua importância para a implantação de um estado democrático, redimensionada.

A escola realmente não pode abandonar as diferenças existentes na língua portuguesa, pois sabe-se que é uma das maiores riquezas culturais do Brasil, se não for a maior. O aluno precisa compreender que existem, às vezes, duas ou muitas maneiras de dizer a mesma coisa, até mesmo na sua própria região, ou na mesma comunidade. Ocorrendo então, uma mistura de palavras e significados que precisam ser esclarecidos, e diante disso, precisa-se que o estudante saiba que nenhuma maneira será a oficialmente certa e todas devem ser aceitas com suas singularidades.

Há uma necessidade de entender que todas as maneiras expressões linguísticas sejam respeitadas e valorizadas, pelos próprios falantes e, conseqüentemente, pelos ouvintes, preservando então as peculiaridades linguístico-culturais existentes.

Vale ressaltar a ideia de que conteúdos que envolvem o preconceito linguístico e as variações existentes na língua, precisam ser discutidos e apresentados com mais evidência nas escolas. Assim como os demais conteúdos repassados em uma aula de língua portuguesa, considerados essenciais para o desenvolvimento educacional dos alunos.

Assim, Bagno (2007), afirma que é função da escola criar discussões para repassar e reforçar os valores sociais de cada variante linguística. Neste sentido, ela deve ser um ambiente gerador de debates, não um lugar onde quem se expressa diferente é alvo de críticas e duras correções.

Ainda segundo Bagno (2007), a escola não deve exigir que os alunos decorem as regras gramaticais, mas sim, juntamente com os professores, elaborem formas que os ajudem a utilizar de maneira satisfatória tanto a escrita quanto a fala. E, para tal, é necessário conscientizar os alunos de que há um modo “correto” de escrever, mas que a fala se modifica dependendo do contexto no qual esteja inserido.

É válido pensar em como os professores podem trabalhar o preconceito linguístico em suas aulas, se por vezes eles próprios não têm uma formação consistente em relação

a este assunto. Segundo Pessoa (2011, p.5), “se o professor em sala de aula não aprendeu sobre o preconceito linguístico, como vai solucionar os problemas de conflitos linguísticos em sala de aula? ”.

Diante disso, pode-se afirmar que a Sociolinguística, como um ramo da Linguística que tenta entender e explicar tais fenômenos, teria muito a contribuir para o combate deste preconceito. Mas, talvez por não receber sua devida notoriedade por parte de muitos, ela acaba por contribuir pouco para que tal preconceito seja disseminado exatamente por aqueles que deveriam combatê-lo: os professores de Língua Portuguesa.

O professor precisa entender e explicar cuidadosamente aos alunos questões referentes à fala diferenciada. Dessa forma, estudar a variação linguística, na perspectiva de analisar a mudança, favorece a ruptura com o preconceito linguístico, o qual é puramente alimentado pelas forças da gramática normativa. Assim como mostrar a importância do uso da gramática, não como algo incontestável, mas como uma ferramenta que possibilita a compreensão de que a língua é um misto de possibilidades.

5 CONCLUSÃO

Conforme abordado no decorrer do trabalho, o principal objetivo foi relatar e discorrer sobre o preconceito linguístico e seu reflexo no ambiente escolar. É perceptível através de nossos dados que esse preconceito ainda é muito presente em sala de aula, são muitos os questionamentos sobre o falar bem e o falar errado. Uma vez que a própria escola e alguns professores ensinam que apenas as regras dadas pela gramática normativa (acerca de uma única língua padrão) são aceitas na sociedade.

Porém, é importante ressaltar que por muitas vezes a norma culta da Língua Portuguesa parece estar cada vez mais distante da realidade dos falantes, desconhecida por muitos usuários dessa mesma língua. Então, apresentar a dimensão das muitas variedades linguísticas, é de fundamental importância para a formação do cidadão brasileiro. E esses estudos precisam ser iniciados na escola desde a educação básica, para que esse conhecimento passe a fluir na sociedade.

Entende-se que a escola, juntamente com seu corpo docente e suas práticas pedagógicas, podem colaborar no processo de diminuição de casos de um dos preconceitos existentes, porém esquecido pela sociedade que é o preconceito linguístico. Por isso, o enfoque é defender que a escola pode promover um crescimento intelectual, cultural e profissional de seus alunos. Pois, é dentro do contexto escolar que se tem o poder para proporcionar a integração dos grupos sociais respeitando as suas diversidades.

É indiscutível e de suma necessidade erradicar, ou ao menos diminuir, o preconceito linguístico na sociedade brasileira. Precisa-se estimular os professores a conhecerem mais sobre o tema pautado, pois é mais fácil combater aquilo que se conhece. E assim, ser repassado de forma coesa para os estudantes que compõem uma sociedade regida por diversas culturas, etnias, crenças etc.

Em vista disso, conclui-se que se faz necessário o reconhecimento do preconceito linguístico como uma pauta a ser investigada e combatida, principalmente dentro do ambiente escolar. A sociedade, começando pelos alunos, precisa adquirir mais informações sobre o assunto, ele deve ser esclarecido e posto como imprescindível. Assim como o pleno conhecimento de que a língua portuguesa possui suas variações, sendo este o primeiro para a aceitação e valorização de cada uma delas.

Assim, “A grande missão do professor de língua materna é [...] transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação[...]” (BECHARA, 2007, p.14).

Todo saber individual possui valores que ampliam a aprendizagem e o desenvolvimento social. É necessário entender que o grande problema se encontra na situação social de cada um, pois, infelizmente, o preconceito linguístico deriva do preconceito social, que parte de injustiças, exclusões e desigualdades existentes na sociedade.

A conscientização, a tolerância e o respeito, são as melhores formas de combater qualquer preconceito inventado. Respeitar a língua falada que é empregada particularmente por cada indivíduo, é respeitar a pessoa enquanto ser humano, formado por marcas genuínas do grupo sociocultural no qual vive. A língua permeia tudo, e a partir dela, é possível enxergar o mundo e defini-lo.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A norma culta: língua & poder na sociedade brasileira**. 8. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: ciência e senso comum na educação em língua materna**. Brasília: Presença Pedagógica, 2006. Disponível em: http://www.marcosbagno.com.br/arq_textos.htm. Acesso em 30 de março de 2022.
- BAGNO, Marcos. **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática: opressão? Liberdade?** 12.ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_s ite.pdf. Acesso em 20 de abril de 2022.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Ministério da Educação: 2001.
- CARVALHO, Solange Carlos de. **Palestra sobre Atitudes Linguísticas do professor em sala de aula**. In: ESPECIAL SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, Engenho Massangana/Fundaj, Recife 21/10/2011. Disponível em: www.engenhomassangana.wordpress.com. Acesso em: 7 de junho de 2022. Disponível em: <http://carvalhosolange.blogspot.com>. Acesso em: 8 de junho de 2022. A compreensão da língua a partir da variação linguística. In IX SEF, Ucsal, 2009.
- COELHO, Izete. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COSTA, Catarina de Sena Cerqueira Mendes da. **Variação/ Diversidade Linguística, oralidade e letramento: discussões e propostas alternativas para o ensino de língua portuguesa**, 2012. Disponível em: www.ileel.eifu.ler/anaisdosielpt/arquivos/Sielpt2012/1438.pdf. Acesso em 23 de abril de 2022.
- GERALDI, Wanderley. et al. **O texto na sala de aula**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LIMA, F. R. S. S. **A língua como um todo heterogêneo: Realidade no material didático de Língua Portuguesa?**. Pernambuco: Revista ao pé da letra, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a Escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Marcos de. **Como citar Agnome.** São Mateus: Guia da Monografia, 2020.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português.** São Paulo: Ática, 1999.

PESSOA, Maria do Socorro. **Sociomada:** Sociolinguística na formação de professores para atuarem nos ambientes pluri-linguísticos-dialetais do(s) povo(s) Amazônico(s)/Amazônida(s). Revista Pesquisa & Criação, 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico** [recurso eletrônico]: Métodos e técnicas da pesquisa do trabalho acadêmico/ Cleber Cristiano Prodanov. Ernani Cesar de Freitas.-2ed.-Novo Hamburgo: Feevale 2013.

SILVA, M. C. **Um estudo comparativo entre os metaplasmos presentes na Graphic Novel Pavor Espaciar, de Gustavo Duarte (2013), com base em Amaral (1920) e ALiB (2014).** Salvador: Revista Tabuleiro de Letras, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/7725>. Acesso em 24 de julho 2022.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Ensino de gramática:** descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007.

ANEXOS



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE ZÉ DOCA – CESZD LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Questionário elaborado para uma pesquisa realizada pelas acadêmicas Edicélia Lopes, Jéssyca Batalha e Joyce Batalha, para uma coleta de dados que auxiliará no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, pela Universidade Estadual do Maranhão. Obs.: sua resposta será anônima.

1 - O que você entende sobre o preconceito linguístico?

2 - Você já sofreu esse tipo de preconceito? Se você já sofreu esse preconceito, te prejudicou de alguma forma na escola?

3 - Se aconteceu, qual foi a atitude do professor?

4 - O professor faz atividades em sala de aula para discutir sobre o preconceito linguístico?

5 - O que você acredita que seria necessário para diminuir o preconceito linguístico na escola?



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

CESZD

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE ZÉ DOCA – CESZD LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Questionário elaborado para uma pesquisa realizada pelas acadêmicas Edicélia Lopes, Jéssyca Batalha e Joyce Batalha, para uma coleta de dados que auxiliará no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras, pela Universidade Estadual do Maranhão.

Obs: sua resposta será anônima.

1 - O que você entende sobre o preconceito linguístico?

Está voltado para o medo em que as vezes falamos errado.

2 - Você já sofreu esse tipo de preconceito? Se você já sofreu esse preconceito, te prejudicou de alguma forma na escola?

Sim, prejudicou mas ao longo do tempo fui evoluindo.

3 - Se aconteceu, qual foi a atitude do professor?

Que eu melhorasse na leitura, através da leitura iremos desenvolver uma dicção melhor.

4 - O professor faz atividades em sala de aula para discutir sobre o preconceito linguístico?

Sim

5 - O que você acredita que seria necessário para diminuir o preconceito linguístico na escola?

Que a escola elaborasse um projeto para nos auxiliar na linguagem e escrita do português.



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

CESZD

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE ZÉ DOCA – CESZD LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Questionário elaborado para uma pesquisa realizada pelas acadêmicas
Edicélia Lopes, Jéssyca Batalha e Joyce Batalha, para uma coleta de dados
que auxiliará no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras, pela Universidade Estadual do Maranhão.

Obs: sua resposta será anônima.

1 - O que você entende sobre o preconceito linguístico?

Eu entendo que é um (preconceito) sobre a fala de determina-
do sujeito
↓
preconceito

2 - Você já sofreu esse tipo de preconceito? Se você já sofreu esse
preconceito, te prejudicou de alguma forma na escola?

Sim, não isso não me prejudicou

3 - Se aconteceu, qual foi a atitude do professor?

Eu achei bem interessante, pois o professor me
sorruiu e me educou a falar constantemente.

4 - O professor faz atividades em sala de aula para discutir sobre o preconceito
linguístico?

Sim

5 - O que você acredita que seria necessário para diminuir o preconceito
linguístico na escola?

Eu acredito que seria necessário para diminuir
esse preconceito, diminuir os muitos regras que existem
na gramática portuguesa (para muitos regras é chato).



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

CESZD

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE ZÉ DOCA – CESZD LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Questionário elaborado para uma pesquisa realizada pelas acadêmicas
Edicélia Lopes, Jéssyca Batalha e Joyce Batalha, para uma coleta de dados
que auxiliará no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras, pela Universidade Estadual do Maranhão.

Obs: sua resposta será anônima.

1 - O que você entende sobre o preconceito linguístico?

É o pré-julgamento sobre a forma de falar

2 - Você já sofreu esse tipo de preconceito? Se você já sofreu esse
preconceito, te prejudicou de alguma forma na escola?

Sim, não me prejudicou.

3 - Se aconteceu, qual foi a atitude do professor?

apenas corrigiu a palavra, sem nenhuma explicação.

4 - O professor faz atividades em sala de aula para discutir sobre o preconceito
linguístico? *Não*

5 - O que você acredita que seria necessário para diminuir o preconceito
linguístico na escola? *Palestras e aulas sobre o assunto.*



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

CESZD

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE ZÉ DOCA – CESZD LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Questionário elaborado para uma pesquisa realizada pelas acadêmicas
Edicélia Lopes, Jéssyca Batalha e Joyce Batalha, para uma coleta de dados
que auxiliará no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras, pela Universidade Estadual do Maranhão.

Obs: sua resposta será anônima.

1 - O que você entende sobre o preconceito linguístico?

Preconceito por algum momento falarem uma palavra errada.

2 - Você já sofreu esse tipo de preconceito? Se você já sofreu esse
preconceito, te prejudicou de alguma forma na escola?

*Sim, mas isso não me prejudicou, pelo contrário, me ajudou a
pronunciar certo.*

3 - Se aconteceu, qual foi a atitude do professor?

Me ajudar a pronunciar certo.

4 - O professor faz atividades em sala de aula para discutir sobre o preconceito
linguístico?

Sim.

5 - O que você acredita que seria necessário para diminuir o preconceito
linguístico na escola?

*acredita que o professor faça os alunos ler, isso ajuda tanto
quando pronunciar alguma palavra, como assim ajuda na
leitura.*